

Relato

Dicionários e artesanato nos tempos electrónicos Dictionaries and craftsmanship in the time of electronics

Jan Engh*

RESUMO: Numa comunidade linguística relativamente pequena como a norueguesa, até novos dicionários bilingues são feitos duma maneira artesanal – a única inovação tecnológica é a troca de lápis e papel pelo computador. Como é que isto é possível? Deixando de lado os factores práticos pergunto: Vamos redigir dicionários da mesma maneira no futuro? E, nesse caso, também há razões linguísticas para isso? Neste artigo apresento uma história pessoal de lexicografia e o meu ponto de vista.

PALAVRAS-CHAVE: Dicionários bilingues. Lexicografia prática. Recursos electrónicos. Língua norueguesa. Língua portuguesa.

ABSTRACT: In a relatively small language community such as the one of Norwegian, even new bilingual dictionaries are made in an artisanal way – the only technological innovation being the substitution of pencil and paper by the computer. Why is it so? And, leaving practical factors aside: Are we going to compile dictionaries in the same way in the foreseeable future? Maybe for linguistic reasons? In this article, I am going to tell a very personal lexicographical story and present a personal point of view

KEYWORDS: Bilingual dictionaries. Lexicography in practice; Electronic resources; Norwegian; Portuguese.

1. Introdução¹

Nos últimos 20 anos, vários programas de edição de dicionários foram desenvolvidos, cujo uso foi apresentado em conferências e produziu uma atividade considerável em termos de cursos comerciais. Um dos participantes mais conhecidos deste negócio é Adam Kilgariff.² Há uns anos, perguntou-me como é que eu podia ter redigido um dicionário de tamanho médio *sem* ter usado ferramentas especializadas computacionais nem recursos electrónicos acessíveis na rede. Senti-me fora de combate. A pergunta dele era tanto mais embaraçosa porque tenho muitos anos de experiência da lexicografia electrónica e de tecnologia linguística em geral,³ mas sobretudo porque se trata de um dicionário português-norueguês-português, e porque a

* Linguista de formação. Bibliotecário de investigação encarregado das áreas das línguas e literaturas escandinavas, engenharia da linguagem e linguística teórica e aplicada. Biblioteca Universitária de Oslo (Noruega).

¹ Agradeço a Diana Santos, que leu o manuscrito sem necessariamente concordar com o que estava escrito. Por outro lado: Sem ela, não haveria dicionário.

² Veja <http://www.kilgariff.co.uk/> e por exemplo Kilgariff e Kosem 2012.

³ Experiência variada de todos os aspectos do trabalho lexicográfico, mas especialmente da redação da *Bokmålsordboka* (Landrø e Wangensteen 1986), um dicionário monolíngue norueguês de tamanho médio.

*Linguateca*⁴, um centro de recursos para o processamento computacional da língua portuguesa, não só existe, até que existe perto de mim, ainda por cima era gerido por uma pessoa que eu conheço muitíssimo bem, e com quem tenho discutido palavras e o sentido de frases – frequente e intensamente – durante anos.

O dicionário que desencadeou a admiração de Kilgariff foi Engh 2004, um dicionário bilingue de 33 000 entradas no total, para a vida prática com artigos mais copiosos do que indica o título da série – os dicionários “de bolso” da *Kunnskapsforlaget*, a editora principal de dicionários na Noruega. Entre outras coisas, o dicionário contém muita fraseologia e foi feito de raiz. Tudo foi pensado e registado de novo, e nada foi copiado de outros dicionários.⁵ Não se sabe com exatidão o tempo que foi preciso para o redigir, mas provavelmente no total levou à volta de três anos de trabalho, distribuídos por mais de uma década. Assim, a edição da primeira versão durou 12 anos. Começou na primavera de 1992 e realizou-se de muitas maneiras diferentes e em várias fases.

2. Porquê?

Como já referimos, não me ocorreu uma resposta simples para dar a Kilgariff, mas mais tarde gastei muito tempo a refletir porque foi assim. Principalmente, ocorreu-me que Kilgariff incorreu num pecado mortal estruturalista: Julgou que a situação então era idêntica à actual. Porém, leva muito tempo a redigir dicionários – e no meu caso houve razões especiais, às quais vou voltar em seguida. As condições prévias tecnológicas eram diferentes quando comecei, o que é trivial. Mas ainda hoje não é garantido que todas as possibilidades tecnológicas são ou podem ser utilizadas em casos semelhantes. Assim, a pergunta de Kilgariff serve para esclarecer algumas condições fundamentais.

Acho que a maneira como redigi o meu dicionário testemunha como a maior parte dos dicionários bilingues são redigidos na realidade, pelo menos na Noruega. Também diz algo sobre o que quer realmente dizer redigir um dicionário entre duas línguas. E, por fim, diz algo sobre a distância que existe entre os tecnólogos de hoje em dia e a vida quotidiana dos lexicógrafos, entre racionalidade, organização e economia e o contrário: De longe a maior parte

⁴ Veja <http://www.linguateca.pt/>

O trabalho de criar uma instituição correspondente para a língua norueguesa só começou em 2010. Mais informação sobre a *Linguateca* a seguir.

⁵ Por razões de princípio, claro, mas também na prática isso tera sido impossível: Durante o processo de redação do dicionário não existiam outros dicionários bilingues português-norueguês-português no mercado.

dos dicionários noruegueses realizam-se como o produto de atividades nas horas vagas e sem um orçamento próprio – não como projectos bem organizados.⁶

3. Redação e aprendizagem

No princípio, a redação do dicionário fez parte dum processo de aprendizagem – uma aprendizagem muito pessoal, visto que encontrei uma portuguesa, mudei-me para Portugal por alguns anos e criámos uma família. Foi assim que eu comecei a aprender a língua portuguesa – de tal maneira que a minha vida privada inteira passou a desenvolver-se quase exclusivamente em português – ao passo que eu registei meticulosamente o que eu precisava e o que descobri sobre a minha língua adoptiva. A minha vida quotidiana fez de mim “uma pessoa de transição”. Adquiri um conhecimento e uma habilidade do uso prático da língua cada vez melhor embora sempre longe das minhas ambições. Mesmo assim, os meus conhecimentos linguísticos formariam a base da redação dum dicionário entre a língua estrangeira e a língua materna, ao mesmo tempo que, o que talvez fosse o mais importante, eu reparei no que devia ser importante para outros possíveis utilizadores de dicionário numa situação semelhante.

Que tipos de restrições é que estes factos representaram em relação ao trabalho, e que fenómenos de natureza interior, estritamente linguística tiveram influência durante o processo do trabalho? Primeiro, forneço algumas informações sobre as condições técnicas prévias.

4. O tempo e a tecnologia

O tempo das máquinas de escrever e das fichas em papel tinham acabado há muito tempo na altura de começar a redação do dicionário. Antes, tinha trabalhado na área de processamento da linguagem natural durante uma década de arroteamento nos anos 1980, mas em computadores “mainframe” (VM/IBM360, veja Engh 2009). Como redator já não tinha acesso a tais computadores, portanto comecei por redigir o dicionário num Mac. Depois em outros Macs antes de trocar o Mac por um PC e vários PCs a seguir. Computadores pessoais ligados à rede não eram comuns no início dos anos 1990, pelo menos não no caso de

⁶ Os azares do destino fizeram rebentar uma discussão na rede sobre livros impressos em contrapartida a serviços electrónicos quando me aproximava do fim da elaboração do presente manuscrito. A discussão, que ocorreu na lista da EURALEX a 5 de Novembro de 2012 e dias seguintes, foi desencadeada pelo anúncio da editora *MacMillan* de que já não tencionavam publicar dicionários impressos. Foi uma discussão veemente, recheada de preconceitos e acusações, mas visava o resultado do trabalho, o dicionário como produto acabado. Neste artigo, só vou tratar do processo de redação dum dicionário.

particulares. Até o Outono de 1994, quando mudámos para a Noruega, só tive possibilidade de redigir o dicionário em casa e sem qualquer acesso à rede (Internet). Além disso, continuei a não ter acesso à rede da minha casa, e nem em Portugal durante as minhas frequentes estadias lá. Acesso a uma rede sem fios não existia nem aqui nem lá nessa altura.

Tanto fazia. Nos anos 1990 não existia quase nada de valor em termos de recursos linguísticos a consultar na rede, nem dicionários, nem textos, para não falar de verdadeiros corpos de textos electrónicos – nem de português, nem de norueguês. A grande iniciativa pública *Linguateca* pelo desenvolvimento de recursos electrónicos da língua portuguesa para o uso livre na rede, só arrancou em 1998 (Santos 2009). O pano de fundo era exactamente que existiam escassos recursos grátis na rede na altura. Passado algum tempo, começaram os resultados a aparecer. O grupo alvo da *Linguateca* era em primeiro lugar informáticos e pessoas ligados ao desenvolvimento de sistemas e funções envolvendo línguas, no caso português. Mas os recursos também podiam ser aproveitados por linguistas, particularmente por lexicógrafos. Os recursos da *Linguateca* eram, e continuam a ser, grátis, mas foram criados tarde demais para me ajudar na redação da primeira versão do meu dicionário. (Isto será aprofundado mais adiante.)

Então, para que é que utilizei o computador quando comecei a redação do dicionário? Unicamente para ter mão no manuscrito, nas notas e nas informações diversas que eu inscrevia pessoalmente. Todo o material se encontrava no formato WORD até à publicação da segunda versão do dicionário.⁷ Experiências de trabalhar num formato de base de dados mostrou que não era uma alternativa, uma vez que a memória dum computador pessoal na altura era pequena demais e a velocidade de processamento tão baixa que tudo o que ultrapassava uma pequena lista simples constituía uma impossibilidade. Simplesmente não mudou ... Em vez disso, aproveitei as possibilidades básicas do WORD dessa época – adiando o processamento do meu manuscrito duma maneira mais inteligente. A ideia era precisamente procurar um formato de base de dados apropriado num futuro em que os computadores pessoais se tornassem mais rápidos e tivessem uma memória maior, a fim de escrever uma “gramática” para analisar a marcação de formato nos ficheiros do formato *rft* para distribuir todos os elementos do dicionário nos campos certos etc. Mas essa esperança ficou em águas de bacalhau. Quando

⁷ A alternância entre Macs e PCs também limitou quais eram os programas especializadas que eu eventualmente poder ter utilizado. É uma experiência comum dos anos 1990 que alguns programas só funcionavam na plataforma dos Macs, enquanto outros só nos PCs, raras vezes funcionavam nas duas plataformas nessa altura.

finalmente fazia sentido escrever um tal programa de análise, o manuscrito tinha crescido mesmo muito – e não sem conter numerosos inconsistências, intencionadas ou não (veja-se Engh 2012). Além disso, havia circunstâncias que faziam crer que a marcação gerada pelo WORD, não era gerada dum modo consequente, ainda por cima.⁸ Corrigir e adaptar o resultado dum análise automática ira exigir um esforço desproporcionado comparado com a sua utilidade, e por isso contentei-me com algumas experiências.

Programas de redação especializados estavam excluídos de qualquer forma. Em primeiro lugar, porque não sabia da existência de nenhum. Mais tarde, porque só funcionavam na plataforma errada, ou porque os preços dos programas de que ouvi falar eram exagerados. Não tinha capital suficiente para adquirir os direitos que eram precisos, nem para comprar um computador suficientemente grande e rápido. Fatores económicos – para não dizer a minha própria economia privada – não permitiam nem permitem a aquisição de programas caros quando a redação dum dicionário é um trabalho de que me ocupa nas horas de folga.

5. Solidão relativa e economia privada penosa

Redigi o dicionário sozinho. Consultei outras pessoas, isso sim, e discuti o uso e o sentido de palavras e frases portuguesas com muitas pessoas com o português como língua materna, em efeito com tantos quantos me foi possível. Mesmo assim, a redação foi essencialmente uma tarefa executada por uma pessoa só. É importante, aliás, estar atento ao fato de que a redação nunca foi a minha ocupação principal, antes pelo contrário. Era uma actividade relegada às férias, o que implicava que passavam períodos longos entre as vezes em que retomava o trabalho da redação. Em teoria, uma actividade ininterrompida teria sido preferível. No entanto, nenhuma editora norueguesa realiza desenvolvimento metódico de dicionários bilingues. A editora *Universitetsforlaget* fez algumas tentativas nos anos 1990, mas esses projectos lexicográficos não foram levados a cabo como planeado.⁹ Com pouquíssimas excepções,¹⁰ as editoras norueguesas viviam até hoje uma vida de colectores no que tem a ver

⁸ Não sei exactamente porquê. Se calhar todas as alterações entre as plataformas, os sistemas operativos e as varias versões dos programas de aplicação? Mas como é do conhecimento geral, o mundo dos programas de aplicação é cheio de “bugs” não documentados.

⁹ Informação do *Bokmålsordboka* foi distribuída para servir como ponto de partida e base da redação de dicionários bilingues entre norueguês, na versão bokmål e outras línguas estrangeiras, por exemplo letão, sem ter alguma vez ficado claro o que resultou. (Agradeço a Boye Wangenstein por me ter dado esta informação.)

¹⁰ A mais conhecida é a redação de dicionários de vários níveis entre o norueguês e o inglês, realizada pela *Kunnskapsforlaget* durante o período 1998-2001.

com dicionários bilingues. Ainda estão à espera que os redactores tenham preparado um manuscrito completo. Antes deste ponto no desenvolvimento, não prestam ajuda nenhuma, nem em termos de produtos semi-acabados tais como selecções de palavras entradas com ou sem definições numa das duas línguas envolvidas, por exemplo, ou empréstimo de programas, desenvolvidos pela mesma editora ou comprados. Eu tinha combinado duma maneira bastante imprecisa redigir um dicionário português-norueguês-português para a série de dicionários da editora *Kunnskapsforlaget*, e apenas me deram alguns (outros) dicionários impressos para ajudar. Mais nada. E para dizer a verdade, na realidade redigi o meu dicionário porque eu achava graça. Na altura, a publicação não me interessava.¹¹

Mas, naturalmente, o facto de não ter a redacção do dicionário como trabalho regular, também era consequências não só no tempo que o trabalho levou, mas, também, para onde e como o trabalho foi feito. Vou aprofundar o que já mencionei sobre a continuidade – ou melhor, falta de continuidade – do trabalho e as consequências inevitáveis.

6. O trabalho

A falta da continuidade tem dois aspectos, um “geográfico” e um temporal. Existe uma ligação entre o facto de não ter redigido o dicionário continuamente e da redacção acontecer em lugares não particularmente apropriados para a tarefa (nas férias à beira da piscina no jardim do hotel, nas salas de espera, durante voos etc.) Demais a mais, a redacção concretizava-se em períodos curtos de cada vez. Cinco minutos aqui, uma hora ali. Mesmo que tivesse acesso a programas especializadas ou a recursos electrónico úteis, eu não os poder ter utilizado, seja como for – por razões diversas.

Ou a infra-estrutura faltava para consequentemente tornar o acesso impossível, como já mencionado, ou o que se ganhava gastava-se. A última afirmação aplica-se sobretudo no caso de programas de redacção de dicionários ou do apoio neste processo – se eu tivesse meios por isso. É sempre complicado arrancar programas complexos cada vez que se entende fazer uma pesquisa. Mora tempos arrancar o computador, ter acesso físico aos recursos certos na rede etc. No pior dos casos é capaz de demorar tanto tempo que a tarefa de redacção tencionada fica por

¹¹ No fundo, não tencionava publicar o dicionário – entre outra coisa por causa de alguns sinais negativos e exigências linguísticas singulares da editora. Entretanto, a minha sogra, que também era a minha informadora mais importante e interlocutora nas conversas sobre os sentidos das palavras e as frases da língua portuguesa durante todo o período de redacção, faz-me a pergunta decisiva: “Jan, diga-me uma coisa: Acha que eu vou viver para assistir à publicação do seu dicionário?” Então percebi não havia outra coisa a fazer ...

fazer.¹² Além disso, é preciso lembrar várias operações, códigos, senhas etc. Operações que não se executem todos os dias são fáceis de esquecer, o facto de que programas e interfaces têm uma tendência para mudar continuamente – enquanto o que o utilizador quer é redigir um dicionário, também não ajuda. Isto pode representar um desafio para quem trabalha na lexicografia como trabalho regular, mas fica ainda mais difícil para quem redige o seu dicionário de vez em quando.

Uma consequência disto tudo é que apesar da redação ter começado num Mac e continuado em outros Macs e PCs, uma grande parte do trabalho realizou-se no papel. Não só a detecção de palavras e frases de passagem (na televisão, jornais, cartazes, conversas etc.), mas a redação também, sobretudo de grandes artigos difíceis, que necessitava de anotações complicadas e referências cruzadas em cores diferentes para melhor clareza e para controlo. Além do mais, toda a revisão e todas as correcções foram feitas em impressões, para serem passadas para o manuscrito electrónico a seguir.

7. Recursos na rede

Só para o final do período da redação apareceram os primeiros recursos linguísticos de português na rede, mas evidentemente nada que se assemelhasse a um corpo bilingue português-norueguês.

Antes da *Linguateca*, todos os recursos electrónicos eram ocasionais, de tal forma que nunca podiam ter uma importância séria para a redação do manuscrito do dicionário. A melhor parte era constante de terminologia em qualquer forma, palavras e frases numa língua que correspondem a uma palavra ou frase na outra língua. Muitas vezes é preciso imaginação para encontrar, do estilo tarifas alfandegárias da EU, onde a mesma espécie de peixe tem que ser referenciada nas todas as línguas dos contraentes, de preferência comparado com listas de terminologia tais como a de *Gunnar Jónsson*¹³ Quando tinha dúvidas, verificava por meio da terminologia latina em bases de dados especializadas, tais como *Fishbase*.¹⁴ Este último recurso pode ser encontrado na rede, mas, em várias disciplinas científicas até há pouco tempo livros impressos era a única fonte de confiança.

¹² É importante não esquecer que, até o método da primeira década dos anos 2000, os computadores gastavam muito mais tempo para arrancar do que os computadores modernos. Outro factor importante é que a memória era minúscula e não permitia o uso de muitos programas simultaneamente.

¹³ <http://www.hafro.is/ordabok/>

¹⁴ <http://www.fishbase.org/home.htm>

8. Uma resposta provisória a Kilgariff

Na realidade já dei a minha resposta a Kilgariff. Não podia ter procedido duma maneira diferente. Ferramentas electrónicas não existiam – pelo menos não acessíveis para mim. Recursos na rede quase não existiam. A pergunta agora é se vai ser possível evitar o uso de ferramentas de tecnologia linguística ou recursos na rede a partir daqui por diante.

Depois do meu dicionário ser publicado pela primeira vez em 2004, continuo a manutenção do manuscrito (cf. Engh 2008), e arranquei a redação dum dicionário grande português-norueguês. Estou a utilizar recursos na rede extensivamente. Contudo, a maneira básica de redigir não mudou. Entre outra coisa não utilizo programas especializados de lexicografia nenhuns, e estou sempre a prorrogar a transição de WORD para um formato apropriado de base de dados (ou a XML). Ainda não existe qualquer corpo bilingue de textos português-norueguês, mas utilizo sim os recursos da *Linguateca* a par de todo material relevante que encontra grátis na rede. Em primeiro lugar, o corpo grande de textos de jornais, *CTEMPúblico* da *Linguateca* e dicionários, entre outros os da *Porto Editora*, dicionários monolingues e bilingues entre várias línguas europeias¹⁵ mais um corpo de textos português-inglês como *Linguee*.¹⁶ Também a *Wikipedia* aparece como um sítio interessante para pesquisar nos último anos, mas o que lá se encontra tem que ser controlado por meio de outras fontes,¹⁷ o que com certeza se aplica a todas enciclopédias na medida do possível.

Uma das muitas maneiras de controlar é procurar imagens na rede. Não só no que tem a ver com objectos, tais como norueguês KLOHAMMER ‘martelo carpinteiro’, HANEBJELKE ‘barrote’, SNØPLOG ‘limpa-neves’, etc., mais também para verificar o valor duma tradução de palavras mais abstratas, por exemplo norueguês GRETEN ‘tombudo’, KROPPSTAKLING ‘entrada em carrinho’ ou HIMMELFALLEN ‘estarecido’. Todavia é uma verdade embaraçosa que um uso mesmo simples de *Google* pode dar bons resultados, apesar a última versão¹⁸ representar um grande passo atrás para quem o quer utilizar a um nível alto de precisão linguística. Mas voltamos à situação concreta da redação de dicionários.

¹⁵ http://www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/ac%E9falo;jsessionid=973GO1Sa8U-EGnH6C5SCmA__ etc.

¹⁶ <http://www.linguee.pt/portugues-ingles/>

¹⁷ Não unicamente por que *Wikipedia* representa uma mistura mecânica de qualidade e de falta de precisão, para não dizer disparates, mas porque a diferença entre português do Brasil e português de Portugal não fica clara. Aliás, é naturalmente uma grande vantagem da *Wikipedia* que é possível alternar duma língua à outra, a fim de fiscalizar a informação, mas também porque a alternância pode contribuir a um entendimento mais preciso do sentido de palavras ou frases.

¹⁸ 25.0.1.

9. Tecnologia e espírito

Como já referimos, há várias razões para eu e muitos outros autores ainda hoje estarmos a redigir dicionários numa maneira fundamentalmente artesanal. No entanto, também há razões internas – que a tecnologia nunca vai eliminar.

Primeiro, os recursos na rede e em que consistem, para não dizer corpos linguísticos e cobertura: mesmo com acesso simples a corpos bilingues das línguas desejadas a qualquer hora em qualquer sítio, nunca seriam 100% relevantes e adequados por satisfazer a lexicografia bilingue. Seja um corpo baseado em textos de jornais, literatura de ficção, documentos ou relatórios da administração pública, seja correspondência de negócios etc., mesmo assim, na prática não vão cobrir todas as áreas que pertencem num dicionário, mesmo de formato pequeno. Todos os campos lexicais: cores, partes do corpo humano, expressões geográficas, palavrões, marcadores discursivos – também os mais raros – que quem tem como língua materna sabe e espera encontrar num dicionário. A propósito disto, é preciso lembrar ao facto que grande parte do uso da língua são textos no sentido mais largo: Não só livros, jornais, revistas e legendas na televisão, mas também cartazes, impressos, anúncios, etc. Sobretudo expressões do último tipo brilham pela ausência em todos corpos, mesmo os melhores.¹⁹

Segundo, os recursos na rede e a tradução – o que os recursos realmente significam para a redação de dicionários além de cortar e colar: Um corpo só pode ser útil até um certo ponto. Programas especializados de lexicografia também. Um corpo só pode dar indicações ou contribuir para o estabelecimento dum base dum dicionário (e programas especializados só podem representar uma ajuda no trabalho prático de redação), ou seja, para preparar o chão para o que afinal é uma decisão linguística, uma decisão que tem de ser efectuada por uma pessoa – e que pressupõe entendimento do que outras pessoas dizem ou disseram. A tradução definitiva, a constatação de que uma palavra ou frase de uma língua corresponde – mais ou menos – a uma palavra ou frase, ou mais frases, numa outra língua, é preciso ser feita baseando-nos na própria competência linguística, apoiada pela dos outros. Pois um dicionário tem pouco valor se quase todos os membros da comunidade linguística em questão não reconhecer o seu conteúdo. Ou, dito de outra maneira, pouquíssimos erros de tradução bastam para fazer perder a confiança

¹⁹ Há maneiras de evitar. Uma anedota verídica: No âmbito dos preparativos da terceira edição de **Norsk-engelsk ordbok** (Haugen 1984) o professor americano Einar Haugen (comunicação pessoal) trouxe o bloco-notas a uma visita aos “senhores” na cave do edifício da Faculdade de letras da Universidade de Oslo de modo a documentar palavras e frases que não se encontrava em qualquer outro lugar.

num dicionário por parte dos utilizadores. Por isso é necessário encontrar pessoas bilingues (ou mais bilingues possível) a fim de lhes perguntar e experimentar as traduções. De preferência muitas pessoas qualificadas. Isto é duma grande importância mesmo para “pessoas de transição” como eu. Por princípio, acho que um redactor de dicionários deve ter o idioma-alvo como língua materna. Um conhecimento bom do idioma da origem é evidente. De mais a mais, é importante apoiar-se noutras pessoas mais ou menos bilingues, de preferência pessoas que têm a outra língua como língua materna. Quanto mais sobreposição linguística, melhor. Bilinguismo – do indivíduo (por exemplo o redactor do dicionário) e na comunidade linguística – constitui um recurso que não existe em forma electrónica. É tentador dizer também que se existisse, todo o trabalho de redigir dicionários era desnecessário – e qualquer utilização desse recurso para redigir dicionários seria plágio.

Na minha opinião, não existe simplesmente nenhuma solução electrónica ou tecnológica para a redação de dicionários, e tenho a suspeita de jamais que a vamos ter, mesmo passando por cima de factores práticos de natureza económica como mencionei anteriormente. Programas e sistemas podem ajudar-nos e apoiar-nos durante o processo de redação,²⁰ mas não são capazes de redigir dicionários. Por esta razão (também), muitos e bons dicionários vão continuar a ser redigidos duma maneira artesanal – com a ajuda parcial do computador. Independentemente do acesso à rede, mas fortemente assistido pelos recursos electrónicos, talvez de programas dedicados de redação (se ficarem mais acessíveis economicamente e mais práticos). Mas, sem o juízo humano, não se obtém nenhum dicionário, o que complete a minha resposta a Kilgariff.

Referências

ENGH, J. **Portugisisk. Portugisisk lommeordbok**: português-norueguês, norueguês-português. Lommeordbøker fra Kunnskapsforlaget. Oslo: Kunnskapsforlaget, 2004. [2ª versão 2008]

ENGH, J. Lexicography for IBM. Developing Norwegian linguistic resources in the 1980s. In: IMPAGLIAZZO, J., T. JÄRVI e P. PAJU (editores): **History of Nordic computing 2**. Second IFIP WG 9.7 conference, HINC2, Turku, Finland, August 21-23, 2007, Revised selected papers. (IFIP advances in information and communication technology 303) Springer: Boston (Mass), 2009, p. 258-270.

ENGH, J. **Små ordbøker - ikke bare mindre, men annerledes**. Manuscrito não publicado, 2013.

²⁰ Veja por exemplo Kilgariff e Kosem 2012.

HAUGEN, E. **Norwegian English dictionary**: a pronouncing and translating dictionary of modern Norwegian (bokmål and nynorsk): with a historical and grammatical introduction. Bergen: Universitetsforlaget, 1984.

KILGARIFF, A. e KOSEM I. Corpus tools for lexicographers. Em GRANGER, S. e M. PAQUOT (editores.) **Electronic lexicography**. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 31-55.

LANDRØ, M. I. e WANGENSTEEN, B. (editores) **Bokmålsordboka**. Oslo: Kunnskapsforlaget, 1986.

SANTOS, D. Caminhos percorridos no mapa da portuguesificação: A Linguateca em perspectiva. **Linguamática** n. 1/1, p. 25-58, 2009.

Relato recebido em: 23.02.2014

Relato aprovado em: 16.05.2014